

Apesar de tudo há Justiça

Álvaro de Vasconcelos

A entrega de Milosevic à justiça internacional pelo governo democrático da Sérvia, só pode, como afirmou Ismail Kadaré, ser vista como um passo decisivo para acabar com "uma cultura do crime considerada como cultura heróica entre os Sérvios e entre os outros povos balcânicos".

É também um acontecimento da maior importância para a integração europeia, para a transformação da Europa toda, de Portugal à Rússia, num espaço de democracia e de paz. Isto porque o grande inimigo deste projecto, que pode impedir a sua concretização plena, é o nacionalismo radical, o total-nacionalismo segundo a expressão de Edgar Morin. Ao contrário do que pensava e dizia Francis Fukuyama, a queda do Muro de Berlim não nos levou ao fim da história, nem mesmo na Europa.

O nacionalismo extremo continua a constituir uma alternativa possível à democracia e ao liberalismo, regra geral de referência étnica ou religiosa. Milosevic encarnou uma das faces mais brutais da corrente nacional-comunista desde o discurso proferido em Kosovo Polje, em 1987, em que descreveu a Sérvia como uma nação ameaçada e humilhada e apelou para o seu heroísmo mítico. Do seu sonho louco de poder absoluto, feito de interpretações dementes da história do povo sérvio, resultaram quatro guerras (Eslovénia, Croácia, Bósnia e Kosovo) e centenas de milhares de mortos e refugiados e uma sequência terrível de crimes contra a humanidade. Milosevic não esteve sozinho; teve seguidores no campo nacionalista sérvio, como Karadzic e Mladic, ainda em liberdade, e noutros Estados da antiga Jugoslávia, nomeadamente na Croácia. Mas foi Milosevic o principal responsável. Ficarão também, por isso, para a História como o homem que nos fez ganhar renovada consciência de que a Europa não é apenas o berço da democracia e dos direitos do homem, mas também das mais graves formas de totalitarismo; e de que o progresso e a paz não são caminhos sem regresso.

Muitos, no mundo democrático, não se deram conta do perigo que representava para o ideal europeu o nacionalismo sérvio e pactuaram com ele. Alguns por cálculo geopolítico, outros por falta de coragem, alguns ainda por ignorância ou egoísmo nacional.

Em Portugal, infelizmente, muitos foram os que manifestaram alguma simpatia em relação a Milosevic ou que, o que vem a dar quase ao mesmo, se recusaram a tomar partido. Talvez hoje se refugiem na maneira infeliz como Milosevic chegou a Haia para não assumirem o seu erro. De facto, teria sido muito melhor que Milosevic tivesse sido entregue ao tribunal sem pressão exterior e sem o óbvio aguilhão da promessa de ajuda internacional, nomeadamente norte-americana, mas o tribunal para os crimes na antiga Jugoslávia não é um tribunal americano, é o primeiro tribunal criado pela Nações Unidas. Os que o criaram e hoje o criticam, como a China e a Rússia, não pensaram certamente que viesse a ser eficaz e a contribuir com um saudável precedente para o julgamento de crimes contra a humanidade. Os Estados Unidos e as potências ocidentais, também, tardaram em dar ao tribunal o apoio necessário, designadamente no que toca à captura dos acusados. Mas o Direito tem uma lógica própria, que por vezes escapa aos vaticínios realistas.

O tribunal para a antiga Jugoslávia, em substância, em nada difere do Tribunal Penal Internacional que se pretende constituir e que permitirá que sejam julgados doravante todos os crimes contra a humanidade. Aqui, também é necessário um apoio inequívoco de todos os países democráticos, incluindo os Estados Unidos, que se têm recusado a ratificar o seu tratado fundador. Talvez a prisão e julgamento de Milosevic seja o estímulo necessário para a concretização rápida do Tribunal Penal Internacional. Restará sempre a questão da implementação da justiça internacional, nomeadamente na entrega ao tribunal dos acusados, que continua ainda dependente da vontade das potências, e, aqui sim, o problema dos dois pesos e duas medidas ainda não tem solução.